

Globethics Repository



Kierkegaard e Dogville [Kierkegaard and Dogville]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-04 09:44:52
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160454

“Não somos nós que evangelizamos; são eles que nos fazem viver o evangelho e dão sentido à nossa vida”

tura que se diz possuidora de valores espirituais e morais se esqueceu de Deus. Ao contrário, as culturas indígenas também têm problemas, dificuldades, crises, mas a sua chave é que são comunidades, vivem comunitariamente, diferente dos ocidentais que vivem como indivíduos. Todas as constituições dos Estados valorizam o indivíduo e garantem os direitos subjetivos: são garantias individuais. Ao contrário disso, os povos indígenas são comunidades, e, como tal, vivem em harmonia com a natureza, não a destroem, se colocam no mundo para cuidá-la e não para destruí-la. A natureza é uma mãe, não um objeto a ser explorado; precisa, isso sim, ser cuidada.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a situação do México hoje?

jXel - O México está vivendo uma crise muito forte, como todos os países estão. Mas especialmente creio que a crise política no México é muito profunda. Foram destruídas praticamente todas as estruturas de funcionamento político e econômico. Os partidos políticos perderam completamente a credibilidade frente aos cidadãos. Como isso se reconstrói é um processo difícil. Creio, porém, que a crise se dá frente às estruturas de poder políticos, culturais, eclesiais. As pessoas têm adquirido uma consciência de que esses são poderes construídos por grupos que pretendem dominar e continuam dominando, mas que estão perdendo essa “magia” que tinham antes, como se fossem intocáveis. Quando eu era criança simplesmente ouvir a palavra “deputado” era como um deus. Nunca se imaginava chegar perto de um deles. Hoje um deputado é alguém com quem se reclama diretamente. O mesmo acontece com os arcebispos.

Kierkegaard e *Dogville*: a desumanização do humano

A capacidade criativa humana está desumanizada, constata o filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, ao analisar o filme *Dogville*, de Lars von Trier. A cidade fictícia metaforiza as grandes metrópoles, onde a natureza humana está contida e desaprendida

POR MÁRCIA JUNGES

Uma análise do filme *Dogville*, do cineasta Lars von Trier, a partir da filosofia de Søren Kierkegaard. Esse é o tema do artigo escrito por Fransmar Barreira Costa Lima publicado na coletânea *Kierkegaard no nosso tempo* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010) e organizado por Álvaro Valls e Jasson da Silva Martins. De acordo com Fransmar, o cinema de von Trier descaracteriza o cinema cosmetizado, procurando resgatar o cinema estético e mais significativo. Metáfora para as grandes metrópoles, *Dogville* sugere “uma veemente contenção da natureza humana, que é impossível dizer hoje qual é, tão desacostumados estamos em relação a ela”. Nossa sociedade está desgastada, “cada indivíduo constitui a parte de um todo sem reconhecer-se como indivíduo”. E completa: “nossa capacidade criativa, humana, está desumanizada”. Para ele, a grande questão de Kierkegaard no entendimento sobre o ser humano é: “Por que não podemos ser quem verdadeiramente somos? Por que simulamos ser alguma coisa que não queremos ser?” As afirmações podem ser conferidas na íntegra na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fransmar cursou mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela mesma universidade. Participou, entre outras, das obras *Søren Kierkegaard no Brasil - Festschrift em homenagem a Álvaro Valls* (Sergipe: Idéia, 2007) e *Kierkegaard no nosso tempo* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010). Leciona no curso de Educação e Ética para uma Cultura de Paz, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB - realizado em convênio com a diocese de Floresta (PE). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido há “aproximações gritantes” entre Kierkegaard¹

¹ Søren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard,

confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10/04/2006, da **IHU On-Line**, disponível para download em <<http://migre.me/11Ym9>>. A edição 314 da **IHU On-Line**, de 09/11/2009, tem como tema de capa *A atualidade de Søren Kierkegaard*, disponível para download em <<http://migre.me/11YmH>>. (Nota da **IHU On-Line**)

com Schopenhauer², Nietzsche³ e Feuerbach⁴?

Fransmar Barreira Costa Lima - Primeiramente, o próprio contexto histórico onde os quatro se inserem. O grande pensador do século XIX é Hegel⁵

2 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13/12/2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <<http://migre.me/s7BB>>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10/04/2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*, disponível para download em <<http://migre.me/s7BH>>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <<http://migre.me/s7BU>>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10/05/2010, disponível em <<http://migre.me/FC8R>>, intitulada *O biológico radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biológico de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24/05/2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <<http://migre.me/Jzvq>>. (Nota da IHU On-Line)

4 Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandonou os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª. ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

5 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais

e, em uma época de profundas mudanças, como a Revolução Industrial, o desenvolvimento do capitalismo, o anúncio das evoluções científicas e tecnológicas, o pensamento hegeliano assume um papel crucial na filosofia, principalmente com a pretensão de se “elevar a filosofia à condição de ciência”, afirmação feita no prefácio da *Fenomenologia do Espírito*. A partir da elaboração das lógicas e tratados hegelianos, a verdade filosófica adquire uma característica bastante sistemática, no sentido de que o método científico é um método sistemático de produção.

Neste sentido, Kierkegaard e Nietzsche se aproximam com veemência em contraposição ao sistema de pensamento estabelecido por Hegel, o que pode ser observado na própria estrutura dos escritos de ambos. Kierkegaard lança mão de pseudônimos que normalmente estabelecem um diálogo entre si, às vezes publicando vários livros no mesmo ano, que tratam de diferentes questões. Por exemplo, *Temor e Tremor* e *A Repetição*, em 1843 (assinados por pseudônimos), acompanhados de *Dois Discursos Edificantes*, os quais ele mesmo assina. Nietzsche começa a escrever a partir de aforismos, onde as metáforas permitem ao leitor uma liberdade de pensamento que não é controlada por nenhuma condição sistemática. O que existe nos escritos de Kierkegaard e Nietzsche é uma estrutura bem definida, mas não podemos afirmar que ali se aplique um sistema de pensamento.

Feuerbach se aproxima de Kierkegaard e Nietzsche a partir da crítica ao sistema religioso. Aluno de Hegel em Berlim, influenciará Marx⁶ posterior-

predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30/04/2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <<http://migre.me/zAON>>. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09/06/2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <<http://migre.me/zAOX>>. (Nota da IHU On-Line)

6 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamen-

te na questão da alienação. Vale lembrar que Kierkegaard e Nietzsche também fazem severas críticas ao que chamam de cristandade ou, a forma como um “senso comum”, desprovido de conhecimento efetivo, abraça o cristianismo, sem o compromisso ou a responsabilidade que implica afirmar “sou cristão”. Essa postura é alienante e não implica em nenhum valor de verdade.

Por outro lado, tal alienação se aproxima do conceito de representação que surge em Schopenhauer, que (salvo engano) chegou a ministrar aulas na mesma época que Hegel em Berlim. Nietzsche declara abertamente sua admiração por Schopenhauer, publicando inclusive um texto que reflete sua postura como educador nas *Meditações intempestivas* e Kierkegaard dedicou bom tempo em seus últimos anos de vida à leitura de Schopenhauer; faz até uma brincadeira com as iniciais de ambos em seus diários - A.S, Arthur Schopenhauer e S.A, Søren Aabye - apontando como ambos são próximos.

Neste sentido, três fatores aproximam estes pensadores: as grandes transformações históricas do século XIX, o pensamento de Hegel e as relações que o indivíduo estabelece com o cristianismo ou a cristandade, tendo em vista que estes termos não são sinônimos.

IHU On-Line - Por que afirma que Kierkegaard e sua filosofia estão próximas ao cinema?

Fransmar Barreira Costa Lima - É interessante observar que a primeira projeção cinematográfica, realizada

to social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <<http://migre.me/s7lq>>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20/10/2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <<http://migre.me/s7lF>>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03/05/2010, disponível para download em <<http://migre.me/Dt7Q>>. (Nota da IHU On-Line)

pelos irmãos Lumière⁷, ocorreu em 1895, enquanto Kierkegaard morre em 1855, ou seja, o filósofo dinamarquês nunca presenciou uma projeção de cinema. Mas certamente gostaria.

Edison Petenussi, um filósofo e fotógrafo paulista com quem tenho o prazer de disparar uns “cliques” esporadicamente, afirma em sua dissertação de mestrado que a fotografia é a manifestação artística capaz de fixar, tornar estático um momento inigualável a partir do olhar único de alguém que se sensibiliza ou emociona com aquela imagem única e irreproduzível. É claro que ele fala da fotografia enquanto arte.

Os Lumière eram filhos de um fotógrafo e o cinema é a fotografia em movimento, produzida para sensibilizar o observador de maneira que este perceba um universo que se esconde a partir do olhar de outrem. Ora, para Kierkegaard a grande, concepção de verdade que existe no homem provém de um instante capaz de tornar-se absoluto, ou seja, um indivíduo só o é quando é um indivíduo singular. É o olhar singular do indivíduo que lhe permite uma sensibilidade ímpar sobre situações - fictícias ou plausíveis - onde possa posicionar-se existencialmente, decidir. No *post-scriptum*, Kierkegaard afirma que a subjetividade é essencialmente paixão pelo infinito e decisão. O cinema concebido artisticamente exige ambos, um olhar singular e a decisão, o posicionar-se de maneira reflexiva sobre a situação que se apresenta. É este posicionamento que leva à reflexão que me interessa quando penso em uma aproximação de Kierkegaard com o cinema.

IHU On-Line - Lars von Trier⁸ aponta

7 Auguste Marie Louis Nicholas Lumière (1862-1954) e Louis Jean Lumière (1864-1948), os irmãos Lumière, foram os inventores do cinematógrafo, sendo frequentemente referidos como os pais do cinema. (Nota da IHU On-Line)

8 Lars von Trier (1956-): Cineasta dinamarquês. Ficou conhecido após fundar o manifesto Dogma 95, no qual há 10 regras para a produção de filmes, tais como: não usar cenários, não usar trilha sonora, usar apenas câmera de ombro etc. Seu único filme que segue essas regras é *Os Idiotas*, de 1998. Trabalha em um projeto pessoal em que roda 3 minutos de filme todo dia em diferentes locações da Europa. Sua intenção é realizar este trabalho durante 33 anos e, como ele teve início em 1991,

“Para Kierkegaard, a grande concepção de verdade que existe no homem provém de um instante capaz de tornar-se absoluto, ou seja, um indivíduo só o é quando é um indivíduo singular”

a “cosmetização da arte” do cinema através da técnica. A partir disso, podemos compreender *Dogville*⁹ e a filosofia de Kierkegaard enquanto expressões de interiorização da verdade?

Fransmar Barreira Costa Lima - Esta “cosmetização da arte” é responsabilidade minha, ou culpa. Entendo que seja uma forma muito particular de ver arte e pode ser debatida, acredito que nem todos concordem com isto. Mas não se trata da verdadeira expressão da arte, e sim de uma pseudomanifestação artística, muito em voga nos dias atuais.

Quando utilizo este termo é para propor uma contraposição entre os termos gregos *aesthese* e *cosmo*, que dão origem às nossas palavras “estética” e “cosmética”. Por estética entendemos a percepção do belo, enquanto que a “cosmética” implica em certa organização, uma ordem estabelecida para que algo se apresente como tal.

O cinema contemporâneo pode ser identificado como aquele que produz ordenadamente uma sensação de beleza, que abusa dos efeitos especiais e da tecnologia, com vistas a uma sensação de beleza que transparece não um significado ou uma leitura do indivíduo, mas praticamente impõe a leitura que deve ser feita. É o que caracterizamos normalmente como cinema de

a previsão é que o filme seja lançado apenas em 2024. (Nota da IHU On-Line)

9 *Dogville*: filme lançado em 2003 e dirigido por Lars von Trier, estrelando Nicole Kidman e Paul Bettany entre outros. (Nota da IHU On-Line)

entretenimento ou cinema comercial. O que vejo em Lars von Trier é justamente um trabalho de descaracterização deste cinema cosmetizado ou, a tentativa de um resgate do cinema estético, significativo. Principalmente durante o Dogma 95, movimento que Lars von Trier encabeça e que rejeita qualquer interface cinematográfica de uma produção elaborada.

O cinema enquanto arte manifesta-se por si só a partir do olhar de um indivíduo singular, este olhar expressa sua sensibilidade. Kierkegaard entendia a verdade como interioridade e a sensibilidade de um diretor são provenientes de sua interioridade e subjetividade. Veja Bergman¹⁰, Almodóvar¹¹ ou Tornatore¹². Ninguém pode dizer que *Cinema Paradiso*¹³ é um filme cosmético. Existe sim um aparato técnico para a elaboração do filme, mas não é a técnica que conta: é a verdade significativa no olhar do diretor, a sensibilidade como interioridade que sustenta a obra como um todo. O indivíduo que assiste a uma obra como esta transfere para sua subjetividade a leitura e a decisão de se posicionar ao lado desta ou daquela personagem. Ele não é mais um expectador, pois a percepção estética está entranhada nele; ele é um inspetador. É na subjetividade que se desdobra a emoção do indivíduo que observa o cinema como arte.

O conceito de *inspetador*, inclusive, surgiu enquanto debatíamos, eu e Jorge Miranda de Almeida¹⁴, a questão

10 Ernst Ingmar Bergman (1918-2007): dramaturgo e cineasta sueco. (Nota da IHU On-Line)

11 Pedro Almodóvar Caballero (1949): cineasta, ator e argumentista espanhol. (Nota da IHU On-Line)

12 Giuseppe Tornatore (1956): cineasta italiano. Entre as suas obras mais aclamadas encontram-se *Malèna* (2000), com Monica Bellucci como protagonista, e *Cinema Paradiso* (1989), com Philippe Noiret num dos principais papéis. É também diretor dos filmes *O homem das estrelas* e *A lenda do pianista do mar*. (Nota da IHU On-Line)

13 *Cinema Paradiso*: filme italiano de 1988, do gênero drama, escrito e dirigido por Giuseppe Tornatore. (Nota da IHU On-Line)

14 Jorge Miranda de Almeida: filósofo brasileiro, graduado e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma (PUG) com a tese *Ética e Sentido: Projeto de uma Ética Existencial a partir da superação da Ontologia como Filosofia primeira, partindo da análise do conceito de ética na Filosofia de Kierkegaard*. Docente na Universidade Estadual do

do cinema na educação, em um congresso do *Museu Pedagógico*, da UESB, em Vitória da Conquista. Acredito que o *inspector* é o indivíduo singular, *existente enquanto existente* - para usarmos as palavras de Kierkegaard - que concebe a arte em sua interioridade e se decide pela verdade como expressão de sua humanidade.

IHU On-Line - Qual é o conceito de ser humano em Kierkegaard?

Fransmar Barreira Costa Lima - Em âmbito geral, Kierkegaard dedica maior atenção ao conceito de indivíduo. Talvez o leitor pergunte: Mas você escreveu sobre a “desumanização do humano”? E eu respondo: Sim, mas tal desumanização ocorre em Dogville; é Lars von Trier que propõe esta desumanização ou esta desconstrução do humano.

No capítulo que escrevi em *Kierkegaard no nosso tempo*, recorro a uma publicação de Reichmann¹⁵ da década de 50 intitulada *A desumanização de Kierkegaard*, publicada pelo autor no ano do centenário da morte do pensador dinamarquês. Reichmann aproxima o conceito de humano do de indivíduo, porém, prefiro ainda assim considerar uma visão etimológica da palavra “humano”.

Humano provém do radical *húmus*, que em latim significa “terra fértil”, ou seja, ser humano é ser portador de uma fertilidade que se renova constantemente a partir de si mesmo, é ser criativo. Falamos aqui de uma criatividade criadora, um indivíduo fecundo capaz de criar o novo a partir de suas próprias condições. Como o indivíduo kierkegaardiano é um indivíduo singular, único, estas exigências também se aplicam a ele, pois a capacidade que este indivíduo tem de criar sua existência torna-o único perante aos de-

Sudoeste da Bahia (UESB), escreveu *Ética e existência em Kierkegaard e Lévinas* (Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009). (Nota da IHU On-Line)

15 Ernani Reichmann (1920-1984): romanista, ensaísta, biógrafo, filósofo, advogado, diplomado em direito e tradutor brasileiro, o primeiro leitor e tradutor de Kierkegaard do dinamarquês para a língua portuguesa. Traduziu, entre outros, *Kierkegaard* (Textos Seleccionados). Editora da Universidade do Paraná, 1972. De sua autoria, citamos *O Instante* (Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1981). (Nota da IHU On-Line)

“Seguimos uma rotina de trabalho tão alucinante que a frase mais ouvida quando se convida alguém para refletir sobre o humano a resposta é geralmente: não tenho tempo!”

mais indivíduos e ele é assim capaz de reconhecer em todos os outros a mesma potência criativa. Isto fica claro principalmente em *As obras do Amor*, quando Kierkegaard afirma que *é uma obra de amor reconhecer o outro, não como um segundo eu, mas como um primeiro tu*.

Um humano autêntico

Este indivíduo humano de Kierkegaard ou, como Jorge Miranda aponta em sua obra *Ética e Existência em Kierkegaard e Lévinas*, esta pessoa humana dotada de uma pessoalidade ímpar, capaz de reconhecer o outro como verdadeiramente outro, é o que torna o indivíduo kierkegaardiano fecundo a ponto de, por si só, tornar sua existência autêntica; sem a necessidade de recorrer a simulacros ou a padrões culturais e morais que são dados, não por compreensão ou necessidade, mas por imposição social.

Lembro-me de uma comunicação de Johannes Møllehave, em um documentário produzido pelo Centro de Estudos de Kierkegaard (*Søren Kierkegaard Forskningscenteret*), de Copenhague, onde ele cita um dos “Contos de Inverno” de Karen Blixen¹⁶. Ele recorda uma passagem onde o indivíduo contempla uma raposa perto de um bosque e pensa: - Meu Deus! É uma raposa tão raposa. Nada nela me faz lembrar qualquer outra coisa que não seja uma raposa. Do focinho à cauda,

16 Karen Christence von Blixen-Finecke, mais conhecida pelo pseudônimo de Isak Dinesen (1885-1962): escritora dinamarquesa. (Nota da IHU On-Line)

nunca vi uma raposa tão raposa.

Esta talvez seja uma das principais questões que se apresentam no entendimento de Kierkegaard sobre o humano: Porque não podemos ser quem verdadeiramente somos? Por que simulamos ser alguma coisa que não queremos ser?

Entendo que este ser, ao qual se refere Møllehave, não é um ser metafísico, mas é um existir autêntico. Uma das exigências para o indivíduo de Kierkegaard e, conseqüentemente, do humano é existir autenticamente, em verdade, com sinceridade e honestidade principalmente para consigo. Para que seja humano, não é necessário me fantasiar com aquilo que eu não sou.

IHU On-Line - Como o humano desumanizado se apresenta em Dogville? O que caracteriza esse “novo” humano?

Fransmar Barreira Costa Lima - Quando Álvaro Valls¹⁷ apresenta o capítulo sobre Dogville na introdução de *Kierkegaard no nosso tempo*, ele afirma que aquela cidade é uma *terra de bandido, que destrói a individualidade*. Literalmente aquela é uma “cidade do cão”; o único existente ali - no sentido kierkegaardiano - é Moisés, o cachorro, que Lars von Trier aloca na cena na forma de uma representação, um desenho traçado sobre o chão. Tudo o que é real em Dogville é meramente representado enquanto todo o simulacro - talvez com exceção de Grace - é animado, vivo. Isto explica talvez a riqueza de cenário do filme.

17 Álvaro Valls: filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, com a tese *O conceito de história nos escritos de Søren Kierkegaard*. Escreveu, entre outros, *Kierkegaard* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007). Confira as seguintes entrevistas concedidas por Valls à IHU On-Line: *Cristianismo, uma mensagem*, publicada na edição 209, de 18/12/2006 e disponível em <<http://migre.me/11YwZ>>; *O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis*, publicada na edição 245, de 26/11/2007, disponível em <<http://migre.me/11YzW>>; *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima*, publicada na edição 261, de 09/07/2008, disponível em <<http://migre.me/11Yyq>>; *O avanço da pesquisa em Kierkegaard no Brasil*, publicada na edição 314, de 09/11/2009, disponível em <<http://migre.me/11YvP>>. (Nota da IHU On-Line)

Dogville é uma cidade conservadora, pacata, apegada aos seus valores morais de forma tão sistemática que qualquer acontecimento capaz de quebrar sua rotina é motivo para uma reunião com todos os habitantes para se decidir o que fazer; um perfeito exemplo de democracia contemporânea. Tudo passa pelo voto coletivo, todos se tratam como iguais e se respeitam; mas diante de uma adversidade nenhum indivíduo decide sequer sua ação enquanto indivíduo. Não há espaço para o humano criativo em Dogville.

Grace, ao contrário, busca por sua humanidade, pois se encontrava em meio à família de gangsteres em situação semelhante, com a diferença de seu posicionamento em busca do humano, já que ela é capaz de fugir desta realidade e privilegiar sua solidão para ouvir a interioridade no silêncio.

Nas profundezas da humanidade

É extremamente significativo que ela se esconda primeiramente na mina da cidade, lugar de onde se extrai o que há nas profundezas do solo; é como se Grace buscasse escavar as profundezas de sua humanidade. De certa forma é uma postura existencial que visa o absoluto, o divino que há dentro de cada homem - como afirmava Kierkegaard - e este argumento ganha força quando lembramos as palavras do salmista que dizia “Das profundezas clamo a ti, senhor”. É no profundo do humano, no âmago da interioridade que a existência enquanto existência se manifesta, é aí que surge a criatividade do humano no profundo, sua integração com a verdade e com o divino de forma autêntica.

Dogville é uma cidade da superfície - desumanizada por sua superficialidade já que não tem mais condições de escavar a verdade na interioridade de seus indivíduos. É uma cidade que não constrói nenhuma individualidade. Tudo ali é, como escrito na saída da mina, *dictum ac factum*.

A principal característica do humano em Dogville é o resgate da humanidade no sentido de que para reconhecê-la, deve ser percebida como única e singular - como uma verdade autêntica que emerge do profundo do

“É no profundo do humano, no âmago da interioridade que a existência enquanto existência se manifesta, é aí que surge a criatividade do humano no profundo, sua integração com a verdade e com o divino de forma autêntica”

indivíduo, de sua singularidade e de sua existência.

IHU On-Line - Em que aspectos Dogville e a filosofia de Kierkegaard promovem uma crítica à massificação igualitária promovida pelo cristianismo e pela democracia?

Fransmar Barreira Costa Lima - Primeiramente, a crítica promovida pela filosofia de Kierkegaard não é uma crítica ao cristianismo, e sim uma crítica à cristandade. O cristianismo não é um estilo de vida ou uma constituição cultural; é uma opção pela verdade e pela verdade encontrada no absoluto, exigente pela autenticidade e pelo compromisso frente ao outro. Na Dinamarca luterana do século XIX, Kierkegaard encontra no bispo Mynster um fomentador do cristianismo como concepção cultural - e ele escreve sobre isto nos diários - e combate esta ideia de um “cristianismo cultura” que não é o verdadeiro cristianismo, e sim uma estruturação institucional da cristandade. Tal cristandade promove a igualdade a partir de uma assimilação identitária entre eu e o outro. Todos são iguais e até legalmente cristãos. Não se reconhecem as diferenças entre os indivíduos e também não se respeitam as individualidades.

Note-se que não falamos de um individualismo, ou uma condição egoís-

tica de ser, mas na individualidade, na consideração que cada indivíduo deve ter por outro reconhecendo-o como singular; idêntico, mas não igual.

O termo massificação igualitária não cabe propriamente na filosofia de Kierkegaard, mas se adéqua à ideia de Dogville. O conceito de massificação só aparecerá na filosofia com Adorno¹⁸, já na primeira metade do século XX. Não se pode negar, porém, que Adorno não sofra influência de Kierkegaard, até porque sua tese de livre docência é sobre Kierkegaard. (*Kierkegaard: A construção do Estético*, inédita ainda em nossa língua mas que deve brevemente ser publicada com uma tradução de Álvaro Valls.)

A distância histórica entre Kierkegaard e o filme de Lars von Trier é grande; muita coisa aconteceu nestes quase 150 anos. É possível, entretanto, pensar algumas aproximações quando consideramos que o legado do pensamento de Kierkegaard é determinante para a filosofia do séc. XX.

Em Dogville, a democracia - no modelo norte-americano - encontra na cristandade um embasamento muito forte: citamos Deus à todo momento e o encontramos referências a ele até em nossas moedas correntes. Há de se perguntar, no entanto: De qual deus falamos? Qual Deus citamos? É o Deus do cristianismo, que exige compromisso ético, alteridade, virtude; ou é um Deus da cristandade, já sem identidade e que atende a nossos preceitos culturais ou institucionais, onde a votação democrática e a vontade do todo - enquanto grupo social - determinam como premissas religiosas a vontade de Deus? É claro que estas questões só podem ser respondidas pelo indivíduo em uma reflexão que privilegie sua interioridade. Como em Dogville, é necessário escavar na profundidade do humano a forma como Deus se comunica hoje com cada um.

¹⁸ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto a Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual é a atualidade dessa crítica para a nossa sociedade?

Fransmar Barreira Costa Lima - Vivemos uma sociedade desgastada, onde cada indivíduo constitui a parte de um todo sem reconhecer-se como indivíduo. Estamos sofrendo a inferência de séculos de verdades estabelecidas, não refletidas por cada um em sua interioridade. As pessoas de nossa época se acostumaram, geralmente, a acreditar simplesmente por acreditar. E este é um fenômeno bastante grave se compreendermos que há uma aniquilação do indivíduo em sua vontade e na autenticidade de sua existência. Este fenômeno ganhou força principalmente após o advento do capitalismo e da Revolução Industrial.

Por exemplo, a educação de nossa época é uma educação que torna todos os indivíduos aptos para o mercado de trabalho, mas não os tornam críticos para compreenderem o quanto estão robotizados e integrados à linha de produção econômica, política, social.

Perdemos a habilidade “artística” - salvo exceções - de expressar nossa vontade pelo simples fato de expressar

nossa vontade; hoje escrevemos livros, músicas, poesias, produzimos obras de arte pensando de antemão no lucro e na repercussão gerada na mídia e não pela significação expressiva que um artista comunica a partir de sua interioridade. Basta observar quanto tempo gastamos em livrarias para encontrar um bom título, sem recorrer a motivações repetitivas que tratam do sucesso profissional e fórmulas mágicas de como se tornar um grande empreendedor. Chega a ser uma contradição a quantidade de segredos revelados em publicações; se há um segredo, certamente ele não se encontra num livro com tiragem de milhares de exemplares. É necessário desconstruir estas concepções sociais para que o indivíduo se reconstrua. Realmente nossa capacidade criativa, humana, está desumanizada.

IHU On-Line - Nesse sentido, a sociedade pós-moderna está repleta de “cidades do sistema”, “cidades do cão”? Por quê?

Fransmar Barreira Costa Lima - Talvez. Mas se lembrarmos que o único autêntico em Dogville era o cão, há de

se pensar duas vezes. Pois até mesmo nossos animais perderam sua capacidade instintiva, natural, tão condicionados estão aos hábitos que lhes foram impostos. Nossas cidades, principalmente as grandes metrópoles, sugerem uma veemente contenção da natureza humana, que é impossível dizer hoje qual é, tão desacostumados em relação a ela. Seguimos uma rotina de trabalho tão alucinante que a frase mais ouvida quando se convida alguém para refletir sobre o humano a resposta é geralmente: não tenho tempo!

Mas encontramos tempo para toda a diversão e lazer amplamente divulgados pela mídia. Faça a experiência: Convide um grupo de jovens e adolescentes para formar um grupo de estudos e discussões e observe a aceitação. Convide o mesmo grupo para uma “baladinha”, um show de um grupo famoso em um grande estádio ou um “churrasco *open-bar*”, e você verá qual significado existencial tem maior importância para o homem contemporâneo. Será autêntico? Não estarão nossos valores sociais e culturais descomprometidos com nossa interioridade?

Leia a Entrevista
do Dia em
www.ihu.unisinos.br